

HISTÓRIA, CULTURA MATERIAL E A RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA. UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO DAS TÉCNICAS DE EXPLORAÇÃO DA ARGILA E DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DA CERÂMICA VERMELHA EM JATAIZINHO E SIQUEIRA CAMPOS, PARANÁ.¹

Roberto MASSEI*

Resumo: Este artigo propõe-se a apresentar uma pesquisa em andamento cujo objetivo é recuperar os processos técnicos de extração e transformação da argila em tijolos, telhas e blocos cerâmicos, e analisar preliminarmente conexões existentes nessa atividade – a cerâmica vermelha – em regiões próximas e cujas características parecem semelhantes: centro-sul do estado de São Paulo (Barra Bonita e Ourinhos) e norte do Paraná (Siqueira Campos e Jataizinho). A investigação vai procurar entender como os trabalhadores extraem a argila e fazem uso do solo, quais são as técnicas empreendidas e qual o impacto que essa ação provocou/provoca aos ambientes e ecossistemas em que tais regiões estão localizadas, especialmente nos rios que as cortam. Há um impacto nos modos de viver das populações a elas vinculadas que precisa analisado. A sustentabilidade e o uso responsável do patrimônio natural de um país passam obrigatoriamente pelo conhecimento da vontade da natureza e este pode advir dos saberes acumulados pelas populações locais.

Palavras-chave: Argila; Técnica; Cultura Material; História Oral.

Abstract: This paper considers to present it a in progress research whose objective is to recoup the processes technician of extration and transformation of the clay in ceramic bricks, roofing tiles and blocks, and preliminarily to analyze existing connections in this activity - the red ceramics - in next regions and whose characteristics seem similar: center-south of the state of São Paulo (Barra Bonita and Ourinhos) and north of the Paraná (Siqueira Campos and Jataizinho). The inquiry goes to look for to understand as the workers extract the clay and make use of the ground, which are the undertaken techniques and which the impact that this action provoked/provokes to environments and ecosystems where such regions are located, especially in the rivers that cut them. It also has an impact in the ways of living of the populations tied they that it needs to be analyzed. The sustainability and the responsible use of the natural patrimony of a country pass obligatorily for the knowledge of the will of the nature and this can happen of knowing accumulated them for the local populations.

Keywords: Clay; Technique; Material Culture; Verbal history.

Este artigo tem o objetivo de fazer uma introdução à pesquisa que venho realizando, desde o início deste ano, acerca da atividade cerâmica vermelha nos municípios de Jataizinho e Siqueira Campos, ambos localizados no norte do estado do Paraná. Neste momento, o

¹ Este artigo é uma síntese da Introdução de um Projeto Institucional de Pesquisa apresentado ao então Colegiado do Curso de História, do Centro de Ciências Humanas e da Educação, da Universidade Estadual do Norte do Paraná, Campus Jacarezinho.

* Professor Adjunto. Departamento de História/Centro de Ciências Humanas e da Educação – Universidade Estadual do Norte do Paraná/Campus Jacarezinho. Doutor em História Social – PUC/SP.

trabalho encontra-se na fase de levantamento de documentação primária e secundária. Além disso, tem procurado levantar os trabalhos feitos por memorialistas e cronistas dessas cidades. A investigação pretende, no momento seguinte, compreender historicamente como se processa a extração de argila, naqueles municípios, e analisar as transformações que a mecanização provocou na produção e na vida das pessoas envolvidas direta e indiretamente na atividade.

Inicialmente, é importante lembrar que a industrialização brasileira foi peculiar. Ela teria se efetivado no final do século XIX e no início do XX. Seria uma decorrência do modo como se deu a colonização e a inserção da economia brasileira no mercado internacional. (SILVA, 1976; SUZIGAN, 1986) Poucos trabalhos destacaram a existência de fábricas na colônia e mesmo no século XIX, quando predominavam o trabalho escravo, o latifúndio e a monocultura agrícola. (HARDMAN e LEONARDI, 1982, p. 25)

A urbanização, vinculada à industrialização, foi um fenômeno que se acentuou a partir da segunda metade do século XX. A constituição do suporte material das cidades, sobretudo casas e edifícios, por conseguinte, produziu uma alteração não só do espaço urbano como também mudou a forma de ocupação e exploração do solo que circunvizinha as cidades. A sociedade industrial e a concentração urbana acentuaram o uso dos recursos naturais, as alterações no clima e no ambiente e provocaram mudanças praticamente em todos os setores da vida humana.

Ao estudar a mecanização das olarias – fábricas de telhas, tijolos, blocos e manilhas, a *cerâmica vermelha* – nas cidades de Ourinhos e Barra Bonita, no estado de São Paulo, (MASSEI, 2001; 2007, passim) pude perceber que, nestas duas regiões, há processos técnicos semelhantes na extração da argila e na sua transformação em material cerâmico. Por outro lado, alguns aspectos ressaltaram a existência de diferentes temporalidades na produção desse tipo de artefato. Elas podem ser observadas no mundo do trabalho, nas máquinas e nos procedimentos manuais. Podem ser vistas também nos modos de viver da população vinculada à atividade. (MARTINS, 2000, p. 18;120)

A mecanização da cerâmica vermelha pode ter levado à coexistência de elementos atribuídos à *modernização* da produção e outros, mantidos pela tradição, fortemente baseada na experiência do trabalho manual e nas práticas e costumes passados de geração a geração. (WILLIAMS, 1979, p. 118) Na estrutura arquitetônica, por exemplo, convivem o *novo* e o *arcaico*: algumas fábricas têm pilares de madeira ou tijolo, são cobertas com telhas de barro e têm partes construídas em metal, com cobertura em zinco. Na produção, há modos de fazer quase artesanais, usados há mais de 100 anos no Brasil, e procedimentos mecanizados semi-

automatizados. A indústria cerâmica mantém, em alguns casos, características, equipamentos e técnicas desenvolvidos ao longo da segunda metade do século XIX e décadas iniciais do XX. (MASSEI, 2001, p. 101-102)

As pessoas ligadas à produção oleira estiveram, durante um bom período, subordinadas à fazenda, com um jeito meio *rústico* de viver. (CANDIDO, 1964, p. 7) Quando as olarias foram instaladas nas cidades ou a elas incorporaram-se, levaram tais características para o espaço urbano. Elas geraram uma cultura material que pode ser identificada na confecção de seus instrumentos de trabalho, no uso de técnicas próprias para a retirada da matéria-prima e sua transformação, na residência próxima ou no terreno da fábrica e no cultivo de víveres para a subsistência, entre outros aspectos. Ou seja, na constituição de um modo de vida no qual podem ser observadas características que foram trazidas do campo e que, a princípio, são mantidas na convivência com trabalhadores urbanos, de outros setores da economia e com a população da cidade.

Nas cerâmicas localizadas em Ourinhos essas características são percebidas claramente. Em outros pólos industriais cerâmicos elas pouco mudam: o uso de determinados tipos de equipamentos, o início, o desenho das plantas, técnicas semelhantes, relações trabalhistas parecidas, e assim por diante. É o caso de Barra Bonita e de Itu. (MASSEI, 2007; 2001, p. 79) A mesma atividade se desenvolveu em várias outras regiões do Brasil: no norte do Pará, no oeste de Minas Gerais, no sul de Santa Catarina e no norte do Paraná, entre outros estados.

O avanço da cultura cafeeira, no sudeste brasileiro, foi um dos responsáveis pela ocupação desta região. O café foi favorecido pelo clima e pelo solo, boa parte composto pela terra roxa. Ela avançou em direção ao norte/nordeste do Paraná no último quartel do século XIX; e ao sudoeste do estado de São Paulo nas primeiras décadas do XX. A cafeicultura acompanhou a construção de algumas ferrovias e, às vezes, as antecipou. As plantações de café expandiram-se e dominaram essas duas vastas regiões até a década de 1970 aproximadamente. Embora em menor proporção, há cafezais em alguns municípios do norte do Paraná. No caso de São Paulo, a navegação do rio Tietê em direção ao interior do país foi responsável pelo surgimento de vários povoamentos e depois núcleos urbanos no curso de seus quase mil quilômetros.

Alguns autores analisaram o desenvolvimento econômico do sudoeste ou centro do Estado de São Paulo e mesmo do norte do Paraná. (PADIS, 1981; LOPES, 1982; PAULA, 2005, p. 279) A forma como se deu a ocupação populacional no campo e a maneira como esta se apropriou do e utilizou o solo foram pouco estudadas nessas e em outras regiões do Brasil.

Não há um trabalho que tenha se proposto a fazer – ou tenha feito – uma análise comparativa da produção do artefato cerâmico entre as várias regiões do Brasil.

Especificamente sobre o norte do Paraná, um dos poucos trabalhos a respeito do tema aborda a produção cerâmica em Jataizinho do ponto de vista econômico. O autor procurou analisar o surgimento e o desenvolvimento da atividade cerâmica subordinados ao desenvolvimento do capitalismo. Considerou-a como “setor secundário”, “tradicional”, em descompasso em relação a outros países latino-americanos. Passou ao largo do que essa atividade produziu na vida e na cultura das pessoas nela envolvidas e o impacto que produziu nos ambientes urbano e “natural”. (REIS, 2002, p. 1-4; 141-144)

Em outro artigo, procurou-se ressaltar a trajetória do setor e mostrar que o seu desmantelamento resulta das condições precárias e do tipo de tecnologia empregada. Os autores destacaram, por outro lado, que, em ocorrendo investimentos nas fábricas, a atividade cerâmica poderá recuperar-se, gerar mais empregos e contribuir para o desenvolvimento econômico do município e da região. (TAKEDA; BRITO, 2007, p. 195-210) Finalmente, alguns trabalhos procuraram mapear as características físicas do solo, especialmente do Vale do Rio Tibagi, que corta a cidade de Jataizinho. (STIPP, 2000) Com relação a Siqueira Campos, praticamente não há referência. Há informações esparsas que precisam ser sistematizadas. Pode se perceber, no entanto, que foram produzidos trabalhos de cronistas e memorialistas sobre os fatos considerados mais importantes desde a fundação do município. Em outras palavras, uma visão nostálgica da história, como se fosse algo desprovido de tensão, que não houvesse interesses subjacentes aos atos e atitude tanto da população quanto daqueles que exercem o poder, direta e indiretamente. (SOUZA, 2007, *passim*; 1988, *passim*)

Meus dois trabalhos, já mencionados, não estudaram exatamente a expansão econômica no Estado de São Paulo e no norte do Paraná de modo direto. Eles analisaram o processo técnico de apropriação e transformação da argila, sua importância para as populações diretamente ligadas à atividade cerâmica em Barra Bonita e Ourinhos e o impacto que a mudança na forma de se extrair o barro provocou no ambiente e na vida daquelas pessoas.

Apesar de ligadas historicamente à agricultura, tais regiões tornaram-se referências importantes no comércio, nos serviços e em alguns setores industriais. Além disso, elas estabeleceram um vínculo forte com os rios que as cortam; o Paranapanema, no caso de Ourinhos, e o Tietê, no de Barra Bonita. Suas margens eram ricas em argila, matéria-prima para a confecção de telhas, blocos, tijolos e manilhas. No norte do Paraná, os rios fazem parte da bacia hidrográfica – e do Vale – do Itararé-Paranapanema (Tibagi, das Cinzas e

Laranjinha); suas várzeas continuam alimentando as cerâmicas de Ourinhos, Jataizinho e Siqueira Campos.

De acordo com antigos oleiros de Ourinhos, as cerâmicas desta cidade, nos anos 1950, passaram a produzir telhas e tijolos em maior quantidade para atender o oeste de São Paulo, o chamado *Norte Novo* do Paraná, que se expandia devido às Companhias de Colonização, e o sul do então estado do Mato Grosso. Boa parte da matéria-prima utilizada por esse tipo de indústria, em Ourinhos, é obtida atualmente em municípios localizados no norte do Paraná. Em alguns casos, esse barro é extraído na margem paranaense do Paranapanema. Para alguns depoentes de Barra Bonita, a atividade cerâmica, em Ourinhos, é resultado da migração de oleiros daquela cidade em função da expansão econômica do Norte do Paraná, e à existência de matéria-prima disponível para extração nas margens do Paranapanema.

De qualquer forma, no decorrer principalmente da segunda metade do século passado, extraiu-se – ainda se extrai – a argila das várzeas e das bacias dos rios localizados em tais regiões. Ela servia – e serve – de matéria-prima para a confecção daqueles artefatos nas fábricas de Ourinhos e Barra Bonita, em São Paulo, e de Jataizinho e Siqueira Campos no norte do Paraná. Do ponto de vista ambiental, a extração manual, por um longo período, provocou um impacto significativo, principalmente nas várzeas dos rios próximos a essas indústrias. Equipamentos industriais para extrair e transformar a argila, por sua vez, acentuaram a exploração e tornaram a retirada ainda mais agressiva.

Finalmente, é preciso lembrar que, na década de 1990, as três regiões – sobretudo Ourinhos e Barra Bonita – consolidaram-se como pólos de produção sucro-alcooleira. O álcool e o açúcar tornaram-se fontes fundamentais de trabalho, receita para as várias cidades nelas localizadas e renda para muito de seus habitantes. É possível que o fortalecimento do agronegócio tenha ocorrido em detrimento de atividades tradicionais, como parece ser o caso da produção de telhas, tijolos, blocos e manilhas. É necessário investigar que tipo de impacto a indústria sucro-alcooleira provocou nesse e em outros setores da economia, na vida material e na cultura da população.

A proposta deste artigo é introduzir a discussão em torno da atividade oleiro-cerâmica em regiões que estão próximas e cujas características parecem ser semelhantes: o centro-sul do estado de São Paulo (Barra Bonita e Ourinhos) e o norte do Paraná (Siqueira Campos e Jataizinho). O projeto que venho desenvolvendo propõe-se a investigar os nexos existentes entre elas e entender como os trabalhadores extraem a argila e fazem uso do solo, quais são as técnicas empreendidas e qual o impacto que essa ação provoca aos ecossistemas em que tais

regiões estão localizadas. Há também um impacto nos modos de viver das populações a elas vinculadas que precisa ser analisado.

Portanto, é preciso compreender historicamente como ocorreu/ocorre a exploração do solo e a apropriação/reapropriação, significação/ressignificação e transformação, pela sociedade, dos vários recursos naturais dele advindos. O projeto que ora é apresentado se propõe a investigar esse processo nas regiões de Ourinhos, de Barra Bonita e no norte do estado do Paraná, em um raio de 400 quilômetros aproximadamente. No momento seguinte, visa-se estabelecer uma relação entre uma cultura baseada na tradição e uma exploração possivelmente menos agressiva dos recursos naturais. Cumpre lembrar que há uma divisão não oficial dessa região do Paraná. Há o *Norte Pioneiro*, cujas cidades foram surgindo em decorrência da expansão cafeeira; e o *Norte Novo*, resultado dos empreendimentos realizados pelas Companhias de Colonização. É uma delimitação geográfica. Porém, é sobretudo simbólica. (TOMAZI, 2000, p. p. 105-120; PAULA, 2005, p. 285-289; MONBEIG, 1984, p. 196)

A utilização consciente do patrimônio ambiental e a sustentabilidade passam obrigatoriamente pelo conhecimento e respeito da vontade da matéria e da natureza. É conveniente adotar práticas que permitam a exploração do solo, a extração de argila e respeitem os conhecimentos passados de geração a geração. Elas podem promover, talvez, uma ação humana menos agressiva e predatória ao ambiente e aos ecossistemas dos rios. É importante, sem dúvida, um debate sobre o uso sustentável do barro e a exploração responsável do solo.

Finalmente, é preciso fazer uma análise que considere os conhecimentos gerados por um grupo social como parte da ou como tecnologia. As inovações técnicas e tecnológicas partem de uma visão cartesiana, que considera a sociedade separada da natureza. Homem e natureza nunca se separaram. O projeto moderno objetivava separar um e outra. Porém, nunca o fez efetivamente. O projeto quer mostrar, por meio de aporte teórico, mas também, e sobretudo, por meio das experiências das pessoas envolvidas na atividade – trabalhadores oleiros, proprietários, técnicos e outros – que há um conhecimento gerado e acumulado por populações consideradas tradicionais que é essencial para uma relação com a natureza menos agressiva e predatória. Em suma, busca-se mostrar que nunca houve a separação homem-natureza, como quis ou quer o projeto moderno. Propõe-se, ainda, a ressaltar que existe uma vontade da natureza. Uma convivência com a natureza será tanto mais saudável quanto maior for o respeito por ela. E ele poderá advir dos conhecimentos transmitidos de geração a

geração. Dessa forma, o homem certamente poderá desenvolver a sensibilidade e o respeito dessa vontade da natureza e promover o uso consciente dos recursos nela [ainda] disponíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Gilmar (Org.). *Natureza, Fronteiras e Territórios: imagens e narrativas*. Londrina, PR: EDUEL, 2005.

_____; TORRES, David Velázquez; ZUPPA, Graciela (Org.). *Natureza na América Latina: apropriações e representações*. Londrina, PR: EDUEL, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. Estudo sobre o caipira e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1964.

HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos vinte*. São Paulo: Global, 1982.

MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. (Org.). *História Ambiental Paulista: Temas, Métodos e Fontes*. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

MARTINS, José de Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e História na modernidade anômala*. São Paulo: HUCITEC, 2000.

MASSEI, Roberto. *A construção da Usina Hidrelétrica Barra Bonita e a relação homem-natureza: vozes dissonantes, interesses contraditórios – (1940-1970)*. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: PUC, 2007.

_____. Argila: a difícil relação com a natureza. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (Org.). *História Ambiental Paulista: Temas, Métodos e Fontes*. São Paulo: Editora SENAC, 2007, p. 227-243.

_____. *As inovações tecnológicas e o ocaso do oleiro*. A mecanização das olarias em Ourinhos – 1950-1990. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: PUC, 2001.

_____. Tecnologia, o ofício do oleiro e a cultura material. *História & Perspectivas*. n° 27/28, jul./dez. 2002 – jan./jun. 2003. Uberlândia, MG: Instituto de História/Universidade Federal de Uberlândia, p. 481-501.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. Tradução Ary França; Raul de Andrade Silva. São Paulo: HUCITEC/POLIS, 1984.

PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo/Curitiba: HUCITEC/Séc. de Cultura e Esportes – Paraná, 1981.

PAULA, Zueleide Casagrande de. A Relação Antagonista entre Homem e Natureza no Processo de Colonização (Re)Ocupação do Norte Paranaense. In: ARRUDA, Gilmar (Org.). *Natureza, Fronteiras e Territórios: imagens e narrativas*. Londrina, PR: EDUEL, 2005, p. 279-312.

REIS, José Cezar dos. *Olarias: espaço de subsunção formal ou real?* Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

SILVA, Sérgio. *Expansão Cafeteira e Origens da Indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

SOUZA, Joaquim Vicente de. *Minha Terra e Minha Gente: História do município da Colônia Mineira e Siqueira Campos*. Curitiba: SEEC, 1988.

_____. *Norte Pioneiro – Norte Velho: Siqueira Campos no norte do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.

STIPP, Nilza Aparecida Freres (Org.). *Análise ambiental em Ciências da Terra*. Londrina, PR: Humanidades, 2007.

_____. *Macrozoneamento ambiental da bacia hidrográfica do rio Tibagi (PR)*. Londrina, PR: UEL, 2000.

_____. *Sociedade, natureza e meio ambiente no norte do Paraná: a porção inferior da bacia hidrográfica do rio Tibagi*. Londrina, PR: UEL, 2000.

TAKEDA, Marcos; BRITO, Cleuber Moraes. O desmantelamento do setor oleiro e ceramista do Município de Jataizinho – PR: sua trajetória, os novos desafios e perspectivas futuras. In: STIPP, Nilza A. F. (Org.). *Análise Ambiental em Ciências da Terra*: Londrina, PR: Humanidades, 2007, p. 195-210.

TOMAZI, Nelson Dácio. “*Norte do Paraná*”: Histórias e Fantasmagorias. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.